TRATAMENTO FARMACOLÓGICO DA DOR EM PESSOAS IDOSAS ATENDIDAS EM UM AMBULATÓRIO DE GERIATRIA NO ESPÍRITO SANTO

Sthefani dos Reis Santos[1], Jefferson Pessoa Hemerly[2], Josiane Pezzin[3]
Ana Alice Dias de Castro Luz[4]

Ciências da Saúde

Introdução e Objetivo

Com o envelhecimento da população mundial, tornam-se mais frequentes as doenças crônicas e as queixas de dor. Essa realidade inquestionável traz implicações à sociedade e ao sistema de saúde, a exemplo do aumento das comorbidades associadas às queixas álgicas (RODRIGUES et al., 2016).

De acordo com a *International Association for the Study of Pain* (IASP), a dor é definida como uma sensação ou experiência emocional desagradável associada a dano tecidual real ou potencial, podendo ser classificada como aguda (menos de 12 semanas) ou crônica (mais de 12 semanas), com diversos mecanismos fisiopatológicos envolvidos (TREEDE et al., 2015 apud OLIVÊNCIA et al., 2018). Em idosos, a dor crônica é um problema sério de saúde pública que requer diagnóstico, mensuração, avaliação e tratamento adequados pelos profissionais de saúde, como objetivo de minimizar a morbidade e melhorar a qualidade de vida (ANDRADE et al., 2006).

Neste sentido, a dor pode comprometer a qualidade de vida dos idosos e, apesar de muitas vezes necessário, o tratamento farmacológico da dor pode colaborar para o surgimento de Problemas Relacionados a Medicamentos (PRM), o que exige ajustes e avaliação clínica constantes desses pacientes (DEY et al., 2024). Portanto, o objetivo é avaliar o tratamento farmacológico da dor em pessoas idosas atendidas em um ambulatório na região norte do Espírito Santo.

Método e Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, com abordagem quali-quantitativa em um ambulatório de especialidades do Sistema Único de Saúde localizado no Espírito Santo, do qual participaram pessoas idosas com 60 anos de idade ou mais. A coleta dos dados foi realizada

[1]Graduando em Farmácia, Universidade Federal do Espírito Santo, sthefani.santos@edu.ufes.br;
[2]Doutor em Biologia Molecular, Universidade Federal do Espírito Santo; jefferson.hemerly@ufes.br;
[3] Mestre em Assistência Farmacêutica, Universidade Federal do Espírito Santo; josiane.pezzin@ufes.br;
[4]Doutor em Ciências, Universidade Federal do Espírito Santo, ana.a.luz@ufes.br;

entre abril de 2024 a março de 2025. Antes da consulta médica geriátrica, os pacientes idosos que aguardavam atendimento foram convidados a participar do estudo e por meio de uma entrevista, foi utilizada a escala de Medida de Dor Geriátrica (*Geriatric Pain Measure*; GPM). Este instrumento com tradução validada para o português brasileiro (MOTTA et al., 2015) foi desenvolvido para permitir uma avaliação multidimensional da dor, sendo de fácil aplicabilidade e compreensão, podendo ser útil na população idosa ambulatorial ou residente em instituição de longa permanência. Após a consulta médica, os pacientes foram encaminhados para o atendimento farmacêutico, para coleta de informações sociodemográficas, histórico de saúde e de utilização de medicamentos. O estudo foi aprovado pelo Comitê de ética, de acordo com o parecer n. 6.071.609.

Discussão e Resultados

Foram entrevistados 39 idosos, sendo a maioria mulheres (74%), com idade média de 76,8 anos. Nossos dados mostram que 53,8% (n=21) relataram sentir dor moderada e 25,6% (n=10) referiram ter com dor intensa (Tabela1).

Tabela 1- Classificação da intensidade da dor, de acordo com score total ajustado do GPM-P.

Intensidade da dor	n	%
Sem dor	1	2,6
Leve	7	17,9
Moderada	21	53,8
Intensa	10	25,6

Fonte: Autoria própria, 2025

De modo semelhante, o estudo realizado por Dellaroza et al., (2013), com idosos que apresentaram dor crônica residentes em São Paulo, foi avaliado que 45,8% sentiam dor moderada e 46% dor forte e muito forte, corroborando com os achados neste estudo no que diz respeito à dor moderada.

O tratamento da dor crônica em idosos é um desafio complexo que exige uma abordagem multidisciplinar, dada a diversidade de condições subjacentes e as limitações fisiológicas que acompanham o envelhecimento. Os medicamentos podem ser considerados como uma ferramenta importante no manejo da dor, contudo, os riscos associados ao uso de medicamentos no tratamento da dor devem ser mitigados, incluindo efeitos colaterais graves e o risco de

dependência, principalmente na população geriátrica (MENDONÇA et al., 2023; OLIVÊNCIA et al., 2018).

Em relação aos medicamentos usados para o controle da dor, 60% dos entrevistados utilizam algum medicamento para este fim (Tabela 2). Os entrevistados afirmaram utilizar: Dipirona 28,2% (n=11), Paracetamol 15,3% (n=6) e Dipirona associada ao Paracetamol 7,6% (n=3), Nimesulida 5,1% (n=2) e Pregabalina 2,5% (n=1).

Tabela 2- Distribuição das medidas terapêuticas farmacológicas utilizadas para o controle da dor.

Classificação farmacológica	Fármaco utilizado	n	%
Analgésico não opióide	Dipirona	11	47,8
	Paracetamol	6	26,1
	Dipirona + Paracetamol	3	13,0
Antiinflamatórios não-esteroidal	Nimesulina	2	8,7
Anticonvulsivantes	Pregabalina	1	4,3
TOTAL		**23**	**100,0**

Fonte: Autoria própria, 2025

Segundo o Estudo SABE, os analgésicos não opioides, também classificados como drogas anti-inflamatórias não hormonais, são frequentemente usados em casos de dores esporádicas e leves, sendo os mais comuns a dipirona, o ácido acetilsalicílico e o paracetamol. Esses medicamentos, no entanto, podem apresentar efeitos colaterais importantes e são contraindicados para uso prolongado em idosos (FIGUEIRÓ; CONSENTINO, 2005 apud AUDI et al., 2019) e podem ser insuficientes em casos de dor moderada a severa. Neste sentido, é importante avaliar o paciente idoso em todas as suas dimensões para propor o tratamento farmacológico de acordo com sua real necessidade.

Somado a dor persistente, a maior parte dos idosos possuem outras condições crônicas tais como hipertensão arterial sistêmica, diabetes e transtornos de humor. Para o tratamento destas doenças, medicamentos são uma ferramenta importante para o controle e tratamento destas condições. Assim, a polifarmácia, situação em que o paciente utiliza 5 ou mais medicamentos, passa ser um desafio adicional. O uso de diversos medicamentos requer adesão e comprometimento com a terapia por parte do paciente e racionalidade na prescrição para que resultados benéficos sejam alcançados. Quando este processo não é racional pode ser associado a eventos adversos contribuindo para o prejuízo na qualidade de vida e custos para pessoas idosas (KSHESEK et al., 2021).

Neste sentido, mudanças de estilo de vida, prática regular de exercícios físicos, por exemplo, são estratégias não farmacológicas que devem ser estimuladas para contribuir com o controle das condições crônicas e qualidade de vida das pessoas idosas.

Considerações Finais

A prevalência de dor entre idosos foi elevada, com impacto significativo nas atividades diárias, afetando sua autonomia e qualidade de vida. Assim, cabe aos profissionais de saúde desenvolverem práticas direcionadas a este grupo para contribuir com a qualidade de vida e estimular o uso racional de medicamentos, evitando o subtratamento e promovendo uma terapia segura e efetiva para dor.

Referências

ANDRADE, F. A. de; PEREIRA, L. V.; SOUSA, F. A. E. F. Mensuração da dor no idoso: uma revisão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 271-276, mar. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rlae/a/hDqFJhRw3ZrJhZdT75XS4WN/. Acesso em: 20 jan. 2024.

AUDI, E. G. et al. Estudo SABE: fatores associados ao uso de medicamentos para controle da dor crônica em idosos. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. e34235, 2019. DOI: https://doi.org/10.15448/1980-6108.2019.4.34235. Disponível em: de. Acesso em: 27 maio 2024.

DEY, S. et al. Alternatives to opioids for managing pain. In: **STATPEARLS** [Internet]. Treasure Island: StatPearls Publishing, 2024. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK574543/. Acesso em: 22 fev. 2024.

DELLAROZA, M. S. G.; PIMENTA, C. A. M.; DUARTE, Y. A.; LEBRÃO, M. L. Dor crônica em idosos residentes em São Paulo, Brasil: prevalência, características e associação com capacidade funcional e mobilidade (Estudo SABE). **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 325-334, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/nn3pGRCs9xDxQxyZWjnYyNk/. Acesso em: 20 fev. 2024.

KSHESEK, G. B.; SOUZA, L. G. H. de; LEANDRO, L. A. Prevalência de dor crônica em idosos: revisão integrativa da literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 5, p. 21367-21381, 2021. DOI: https://doi.org/10.34119/bjhrv4n5-227. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/37105. Acesso em: 09 set. 2024.

MENDONÇA, J. C. de et al. Abordagens multidisciplinares para o tratamento da dor crônica: uma revisão das terapias integrativas e estratégias de manejo da dor crônica, incluindo medicamentos, fisioterapia e terapias alternativas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, São José dos Pinhais, v. 5, n. 5, p. 129-144, 2023. DOI:

https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n5p129-144. Disponível em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/580/737. Acesso em: 29 maio 2024.

MOTTA, T. S.; GAMBARO, R. C.; SANTOS, F. C. Mensuração da dor em idosos: avaliação das propriedades psicométricas da versão em português do Geriatric Pain Measure. **Revista Dor**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 136-141, 2015. DOI: https://doi.org/10.5935/1806-0013.20150026. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rdor/a/HKJP5tT9hFX8vdWHhrgsxCh/?lang=pt. Acesso em: 28 maio 2024.

OLIVÊNCIA, S. A. et al. Pharmacological treatment of chronic non-malignant pain among elderly persons: an integrative review. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 372-381, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbgg/a/z4r4Zq9HMYhSB9BwMmJxsnH/?format=html&lang=en. Acesso em: 28 maio 2024.

RODRIGUES, D. et al. Prevalence of chronic pain among elderly living in a city of Northern Rio Grande do Sul. **Revista Dor**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 201-204, jul. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rdor/a/W8rcMzLRFSc9NRMVdGygZYh/?lang=pt. Acesso em: 27 maio 2024.